CONTOS E OUTRAS PROSAS

Várias mulheres várias...

Por Érica Antunes[1]
& Sueli Saraiva[2]

Pedras no caminho

Érica Antunes

Era naquela rua de terra que a menina descia toda santa manhã para buscar leite. Levava o canecão numa das mãos, a outra ia ocupada com as cinco pedrinhas do jogo.

– Minha mãe manda buscar dois litros.

O leiteiro media dois litros de leite gordo e despejava na vasilha. A menina voltava devagarinho, com medo de derrubar o canecão e a mãe brigar.

Foi lá que pela primeira vez se sentiu pequena. O leiteiro chegou bem no meio do jogo que ia ganhando:

– Ah, que pena, né?! - lamentou.

Então, a mulher grande falou coisa pouca, mas profunda:

– Pena? Nóis não tem pena não, menina.

A menina se viu menina jogando pedrinhas, viu também a mulher grande e cheia de responsabilidade. Chateou, entristeceu, foi embora apagadinha de tudo.

Quando crescesse já não teria cabelo encaracolado, dentes-de-leite e sapatos de verniz. Quando crescesse iria trabalhar, usar sutiã e ter um bebê.

Um dia, também não teria pena. Chorou.

A mãe foi ver o que era, mas a menina não disse. A mãe era mulher grande e decerto também não tinha pena...

No outro dia, apanhou o canecão e foi buscar leite. Não levou as pedrinhas.

O caderno de capa verde

Érica Antunes

A capa era verde. Quero dizer, verde só no verso. Na frente, havia uma estampa que me fazia sonhar horas a fio. Eu ficava olhando para aquelas pessoinhas encasacadas esquiando na neve fofa e branca tão longe da minha realidade e pensava que, afinal, devia ser bem gostoso andar de trenó...

Era um caderno muito antigo para os meus seis anos; as folhas já meio amareladas, algumas páginas borradas... água, lágrimas, o quê? Enamorei-me dele. Tanta gente velha que nem mais existia tinha escrito ali... a primeira constatação filosófica que fiz foi: perde-se.

Havia letras bonitas, redondas, grandes, essas me fascinavam tanto que eu tinha vontade de lamber as páginas. Outras eram inclinadas ("tortinhas!"), pequeninas, difíceis demais para mim. Quantos segredos guardariam?

Era mesmo assim, um viver misterioso e intrigante. Quanta força para ler apenas uma frase que, lembro bem, nem gostei: *"Se a vida oferecer um limão, faça dela uma limonada".* Eu não tinha senso crítico ainda, mas sentia que isso era uma grande bobagem.

Em compensação, aqueles versinhos de um tal Antônio em letras de forma cheias de personalidade – um dia eu ainda ia escrever daquele jeito, esperassem pra ver! – nunca mais se apagaram. Não me lembro de tudo, mas uma parte era assim:

Certa moça, a confidente
dizia isso baixinho:
– Se beijo gostasse da gente,
eu era nega um tiquinho!

Sei que são versos bobocas e sem valor literário, mas a rima, a sonoridade e o "tiquinho" me deixavam meio boba, olhando para o vazio, buscando uma coisa que eu nem sonhava chamar-se "poesia".

Um dia, eu tinha acabado de sair de uma caxumba complicada, ganhei um estojo de canetinhas. O sonho de toda criança, na época, era

um estojo daqueles, lotado de canetinhas de todas as cores, tão raras e caras! Foi um presente, pois, que me deixou completamente feliz. Era inverno, minha mãe fazia tricô na sala e meu irmão dormia tranqüilo no berço. Havia, na casa, um silêncio quase ensurdecedor. Então, fui para o quarto e me sentei no chão, ao pé da cama. Abri o caderno e, arrebatada, saquei das canetinhas e desenhei, de todas as cores, casas, nuvens, árvores, flores e corações. Num deles, vermelho, lia-se: *"Mãe voss..."* Era para ser: *"Mãe, você gosta de mim?"*, mas a dúvida: "você é com 'c' ou com 'dois esses'?" me fez parar no meio.

(...)

Durante muito tempo a metade de um coração vermelho permaneceu lá, numa página amarelada, nas entrelinhas de outras declarações de outras tantas pessoas que eu não conhecia... até que um dia se perdeu na churrasqueira, queimado com o caderno de capa verde – verde só no verso – que eu tanto amava.

Folhetim em forma de folheto

Sueli Saraiva

Ela não cansa de olhar. É o mais lindo de todos, sorri. Seu pensamento incomoda. Está ali só pra fazer o serviço. A culpa é o frio de rachar. Isso mexe com a gente! Olha o papel com ternura. Sente-se importante. Confiam nela para oferecer tanto luxo. Mas será que é tudo assim mesmo? De tanto ligar o nome à coisa acha que já sabe muito: *Lareira*, *Kids room, Solarium, Espaço gourmet*, *Playground, Suíte master, Closet, Fitness, Coiffeur, Recycling...* e muito mais coisas que cabem em tantos metros quadrados. Olha a sacola a tiracolo. Levanta-se com dificuldade do meio-fio. Ergue mais os olhos que a cabeça. Cores cintilam lentamente na paisagem cinzenta.

Verde ... amarelo ... vermelho...

Volta para a calçada, pula um cocô de cachorro, encosta no poste gelado, cede outra vez ao brilho quente do papel e vai lendo. De tanto

ler, sonha. Ela está lá: é a esposa-mãe com cara de modelo, corpo de modelo, sorriso de modelo, ao lado do marido galã e beijada pelos filhos rosadinhos. *Kids room.* Um pé-de-vento na cara refresca seu pensamento. Recorda a noite de vira-revira embaixo da coberta fina. *Suíte master.* Tem fome, os biscoitos e o suquinho das oito horas já sumiram na barriga sempre oca. A mãe diz ser verme. É apenas a fome dos dezenove anos!

Amarelo... Vermelho...

Dez da manhã, menos dez graus em São Paulo. Fazer o quê? O dinheiro é pra sair e procurar emprego de verdade. Pior se cancelassem o serviço! Poucos carros nesta manhã de garoa, quase tudo ainda na sacola. Coitados! Nem conseguem abrir a janela. Também com este frio! E só pra pegar um folheto? Precisa é se esforçar mais para ser alguém. Preciso é aprender computação e inglês lá na igreja e arranjar emprego no banco. O problema é que querem experiência!

Vermelho...

Volta para a esquina. O poste é seu refúgio do vento gelado. *Solarium.* Fome. Frio. E tantos folhetos! Pra que ler tanto? Parece estar há dias nessa lengalenga cinzenta pontuada de três sinais: Esperar ... Preparar ... Prosseguir. Prosseguir no sinal vermelho! Sente haver algo errado nesse movimento, mas não sabe o que é.

Vermelho...

Lembra a macarronada com frango que a mãe escondeu dos irmãos para quando ela chegar em casa, lá pelas quatro da tarde. *Espaço gourmet*. Um luxo no domingo graças ao dinheirinho dos semáforos, o seu e dos irmãos que brincam de malabares. *Playground*. Ah! Um dia ainda pára numa esquina dessas, pega um folheto, o

marido pergunta se gostou, diz que sim, se quer ir ao estande, diz que sim...

Amarelo... Vermelho...

Dez e meia. Já pensa em fazer uma fogueira com todos aqueles folhetos, chamar as outras meninas e ficar falando dos artistas da televisão até as duas da tarde. Fim do serviço! Mas nem tem coragem de sonhar isso em voz alta, lembra do supervisor nas redondezas e, além disso, uma delas sempre pode ser a espiã da firma! Ela mesma já recebeu proposta para espionar as meninas, até das concorrentes.

Vermelho...

Não deu tempo, fechou rápido demais, ou foi ela que bobeou! Numa última tentativa de não morrer com aquele monte de papel cheirando à gráfica, foi para o outro lado, sentido bairro-centro. Ali param uns dois ou três carros a mais. Já conhece muitos truques do serviço! Pensa o melhor mesmo é trabalhar bastante a vinte reais por dia até ser registrada pela firma. Uma menina até conseguiu dar entrada num apartamentinho! *Closet.* Olha de novo o bolo de papel, dobra um folheto e enfia no bolso da blusa. Vai para a coleção, já tem mais de vinte. Sempre tenta colocar tudo no currículo, mas isso não prova nada de sua atuação profissional!

Vermelho...

Quem não gosta nada dessa história é o namorado, o motobói. Os amigos dizem que as meninas do farol são obrigadas a usar aquelas calças de ginástica e sorrir o tempo todo para os motoristas. *Fitness.* Ela desconversa, diz que os ricaços nem olham pra elas. Não diz toda a verdade, é claro! Verdade é que não devem se aproximar de carros suspeitos, a firma não é responsável pela violência urbana. Concorda!

Aprendem umas com as outras a não confiarem nos bonzinhos. Aqueles que seguram as mãos impedindo que passem aos outros carros. Não conta detalhes ao ciumento namorado ou à preocupada mãe. Pra quê?

Vermelho...

Acha que já viu de tudo. Certa vez recebeu uma aliança na cara ao se abaixar na janela no meio de uma briga. Outra vez, uma moça num carrão importado deu umas dez voltas no quarteirão, mexendo com uma das meninas. Outra colega foi trabalhar do outro lado da cidade, pois um descarado não parava de infernizar a coitada, que é casada e mãe de filhos. A pobre tem o azar de se parecer com a Camila Pitanga! *Coiffeur*. Também, pra que pobre tão bonita?

Vermelho...

Dez e quarenta. Agora eles vão sair pra tomar café na padaria. Lembra dos cachorrinhos que vêm fazer xixi. Corre e tira a sacola de trás do poste. Eles não entendem que aquilo é material de trabalho, coitadinhos! Consegue abordar uns cinco motoristas e empurrar uns três folhetos de uma vez. Alguns, como sempre, jogaram tudo de volta pela janela. *Recycling.*

Vermelho...

O motorista do ônibus domingueiro passa pela segunda ou terceira vez, sem pressa, mas sempre perguntando as horas. “Onze e dez”, responde ao cara de pastel, que está de relógio! Com um risinho amarelo, ele aponta o amarelo do semáforo no cruzamento e faz sinal pra que ela atravesse. Ela agradece, sem sorriso! Ouve a buzina do ônibus. Uma última gracinha do motorista!? Não olha. Segue. Ouve a freada, sente a pancada. No vôo de seu corpo, só o gélido e rígido poste para abraçá-la! Pé do poste. Corpo torcido. Boneca de pano destruída

por crianças malcriadas. Corpo e poste um derradeiro ponto de exclamação! Na face o frio da calçada e o aconchego de um calor vindo de si mesma.

Vermelho... vermelho... vermelho.

Doce de abóbora

Érica Antunes

− Tem doce de abóbora com coco, fiz nessa semana, quer?

Como já havia recusado a massa de pão frita e o café, resolvi ser gentil:

− Hummmm! Adoro doce de abóbora!

Apareceu a vasilha plástica de tampa suarenta da geladeira:

− Vê se gosta...

Despejou uma tantada numa xícara de chá com uns ramadinhos pintados, trincada, daquelas bem antigas, e me entregou uma colher:

− Pega essa de cabo meio torto mesmo, o que vale é o conteúdo! - vi o sorriso branco da dentadura.

− Claro, quem liga pra essas coisas?

Sentei na mesma mesa que sempre vi no mesmo lugar desde que me conheço por gente: as tábuas meio envergadas pelo correr do tempo, as inscrições à ponta de faca depois de descascar as laranjas e fazer das cascas bichos horríveis, flores do jardim, secretos duendes.

Apanhei a xícara e, enquanto pus a primeira colherada na boca, pensei se, de fato, o tempo existe. Tudo num átimo, naquela mesma cozinha e seu mistério guardado em prateleiras azuis e panelas penduradas. Onde ficariam as tampas?

− Está uma delícia o doce... - disse sem sequer ter prestado atenção ao gosto.

− Gostou mesmo? Pois sabe que foi açúcar que dava pra fazer seis cafés?

Miséria, concluí. A que ponto chega o humano: medir a quantidade de açúcar e compará-la a míseros bules de café...

Ainda vi o vermicida enfiado na greta entre a parede e o teto. Por ali deveriam entrar ratos... ou não?

− Açúcar demais, hein? – menti calculando a irrisoriedade do que minha tia considerava um disparate.

O açúcar devia ser do tipo "cristal", daqueles comprados no armazém ou embalados em grossos pacotes de papel que eu mal agüentava carregar no alto dos meus cinco ou seis anos de idade.

− Pois então, menina, e o preço tá pela hora da morte. O governo diz que não tem inflação, mas como, se a gente nem compra mais nada com a aposentadoria?

A réstia de alho presa num grande prego e o varal de lingüiças, bem perto do fogão à lenha, me olhavam com cara de poucos amigos. Quanto devia custar um pacote de açúcar "cristal"? Fiz as contas de quantos quilos cabiam no orçamento do mês daquela pobre coitada.

− Está tudo tão difícil, não, tia?

A gata, deitada num velho cesto de vime, amamentava os filhotes.

− Se tá. Esses políticos só aumentam os deles e pro povo só dão banana.

Banana é mais barato que açúcar? Perdida de mim, estranhei: de que banana ela falava, afinal?

Minha tia estava regredindo, era visível. Tornava-se apenas mais uma aposentada que saía do banco e deixava o parco dinheirinho na farmácia:

− Sabe que o médico disse que tô "oteosporose"?

− Verdade? - disse abrindo os olhos num susto enquanto pensava na lexicografia da moléstia.

− Verdade. Agora não posso mais ajudar seu tio na colheita. Tô proibida, na "forga".

O tio também envelhecera. Sentado na varanda, passava os dias cachimbando. Ainda usava chapéu e calçava botinas. Fiapos de história reunidos nos poucos cabelos restantes, tão finos e brancos como seda recém-saída do casulo.

− Mas a senhora precisa descansar um pouco, tia, já trabalhou muito.

Era uma escrava. Mal se levantava e corria para o tanque. Depois, era vez do ferro em brasas, pesado, e das roupas que não acabavam nunca.

Olhou pela janela, como se visse o nada:

− É, fia, mas quem é pobre e não nasceu em berço de ouro, só descansa quando junta os pés no caixão.

Senti um frio na espinha e de novo a enxerguei velha e carcomida. Naquele canto da cozinha antigamente ficava um balaio, cadê ele?

Eu me enganava tentando desviar minha própria atenção, mas sabia que o inevitável viria mais uma vez:

− Você, que é estudada e sabe das coisas, tem que lutar pra não lavar cueca de marido.

Ah!, meus sais!

− Tia!

− É isso mesmo. Olha pra mim: velha, feia e sem um tostão furado. Se não agüentar as bebedeiras do seu tio, morro de fome e de vergonha, que no meu tempo mulher casava pra vida inteira...

Pronto. Chegáramos ao grande tema de novo. O mundo dava cambalhotas e a cena era sempre a mesma: minha tia em pé, as mãos na cintura, os olhos meio fechadinhos, metida num vestido de sarja, contando as barbaridades a que era submetida:

− Pois que ele chegou outro dia e jogou o prato longe, dizendo que aquilo era comida de cão e não de gente. E mais tarde quis me bater porque a calça ficou com dois vincos. Já cansei de pedir um ferro elétrico, mas ele não dá.

Eu podia aconselhar ou consolar, mas em respeito a mim mesma mantive um silêncio sepulcral.

Terminei o doce com um nó na garganta, como se colaborasse para as despesas por ter ingerido aquela xícara de tanto açúcar, açúcar para seis cafés!

− Estava uma delícia.

Levantei para lavar a xícara e a louça que se acumulava sobre a pia. Ela usava sabão de soda ainda! Pude vê-la tal qual sempre a vi quando criança: a pá de madeira na mão, mexendo o imenso tacho de ferro borbulhante do calor da fogueira. Ouvi nitidamente o "Não chega muito perto que é perigoso espirrar em você" e todo o suor escorrendo de sua testa.

− Não precisa lavar, fia, deixa aí que mais tarde eu lavo.

Deixar? Jamais!

... em seguida, quando a mistura estava no ponto, minha tia despejava o sabão numa forma de madeira e deixava tudo intocado por

dias e dias, até que a consistência necessária fosse obtida. Era uma alegria essa fase, eu podia ajudar riscando com um graveto o lugar do corte. Surgiam, então, as barras quadradas que logo eram dispostas numa tábua comprida que depois era levada ao alto.

− Que é isso, lavo num instantinho! Gosto de lavar louça, sabia?

Mentira pura, mas quem não quer ser agradável às vezes? Eu estava no universo dela e só me restava essa gentileza.

− Fia, assim você estraga as unhas.

De fato, o esmalte das unhas descascaria. Mas o tempo também descasca os objetos e as pessoas, bastava olhar para minha tia e seu rosto enrugado de sofrimento. A diferença é que no dia seguinte eu podia pintar minhas unhas de novo da cor que desejasse: vermelhas, rosas, douradas, azuis.

... minha tia já não tinha unhas, tinha o passado tão remoto que chegava a doer.

Da lei

Sueli Saraiva

Dr. Zeferino, 6.7, declarou-se em férias sabáticas. Encaminhou a quarta mulher, com a formosura de seus 32 anos e um par de novos herdeiros ao "Depto. de pensionistas do Dr. Zeferino", como diziam seus advogados. O velho empresário da madeira & carvão despiu mais uma vez os chifres que lhe puseram na cabeça e despachou-se para sua mansão em São Paulo.

Passados alguns meses, as notícias que chegavam em Belém eram alarmantes. O Dr. Zeferino era outro, diziam. Só andava de roupas de couro preto em cima de uma moto importada, pintava o cabelo de acaju, fazia plásticas e alguns tinham até visto uma tatuagem. Não. Não sabiam de mulheres, não sabiam de nenhuma mocinha apaixonada por um senhor bem apessoado de 67 anos. Então é o neto, só pode ser. Mas que absurdo! com CPI correndo solta, a PF acenando com a tal da operação Cupim e o sem-vergonha do nosso pai em período sabá... sei lá o quê, esbravejavam os filhos entre um carregamento e outro.

Enquanto isso, lá ia o Dr. Zeferino, livre e leve, pela Rodovia dos Bandeirantes, para o ponto de encontro de seus novos amigos das duas rodas. Talvez por causa do fumacê em homenagem àquela manhã azul de sábado, o velho voava a mais de 150 por hora. Passou por um posto policial sem se dar conta... e... bingo! Mais adiante viu o sinal para encostar. Gelou! E agora? Só me faltava essa, ser preso pela bobagem de porte de drogas, até parece aquele filme do Al Capone. Encostou a moto mais adiante e viu pelo retrovisor o guarda chegando devagar. Pensou rápido... e engoliu a erva com papel e tudo. Quando o guarda chegou... que surpresa diabólica! era uma guarda, ou melhor, uma policial, e bela... Esqueceu, ou melhor, lembrou quem era — Mas o que uma flor faz perdida nesta estrada?... Achou o máximo quando a moça lhe passou um sabão, recusou a escancarada propina e lhe tascou a devida multa. Lá se foi Dr. Zeferino mais animado que boi-bumbá. Cantarolava ao vento — deixa a vida me levar... .

Agraciou amigos da lei e logo chegou ao telefone, endereço e... ao coraç... da moça de Jundiaí. Ofereceu-lhe todo o mundo ao norte do Brasil em troca da farda, e água mole em pedra dura... a ex-cabo estava devidamente instalada na mansão em São Paulo, climatizando para assumir as funções de primeira dama da madeira nobre do Pará.

Faz sete meses desde o enlace e, estando o Dr. Zeferino sempre ocupado com suas excelências em Brasília, cabe ao neto, 25 anos de pura vagabundagem, cuidar da nova vozinha. A ex-moça da lei diverte-se com o xodó do vovô, que entre uma espuma e outra fala do dia que o vô, num delírio de juventude, inventou que queria porque queria puxar um fuminho. Ele, temeroso de perder seu patrocinador, talvez num ataque cardíaco, virava a cidade em busca de ervas-placebo, que o vô fumava e dizia estar revigorado. Pois o efeito passou, ela ri, vendo em cores vivas da tela de plasma de 42 polegadas a triste figura do velho marido, careca e murcho como pneu de uma velha 125.

---

[1] Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH-USP/FAPESP. Pesquisa: Da catana ao batom: Diferentes perspectivas da representação do feminino na poesia africana de língua portuguesa — análise das

obras de Alda Espírito Santo, Alda Lara, Conceição Lima, Glória de Sant'Anna, Noémia de Sousa e Paula Tavares. E-mail: erica.antunes@gmail.com.

[2] Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH. USP/CAPES. Pesquisa: *A atualização do romance nas obras de Boaventura Cardoso e de Mia Couto: A experiência do tempo na narrativa*. E-mail: suelisaraiva@usp.br.